

Obsessão

por

Jairo GERBASE

Cá estamos. Olha bem que é a cabeça do cônego.

Temos à escolha um ou outro dos hemisférios cerebrais; mas vamos por este, que é onde nascem os substantivos. Os adjetivos nascem no da esquerda.

Descoberta minha, que, ainda assim, não é a principal, mas a base dela, como se vai ver.

Sim, meu senhor, os adjetivos nascem de um lado, e os substantivos de outro, e toda sorte de vocábulos está assim dividida por motivo da diferença sexual...

- Sexual? Sim, minha senhora, sexual. As palavras têm sexo.

Estou acabando a minha grande memória psicolexicológica, em que exponho e demonstro esta descoberta.

Palavras têm sexo. - Mas, então, amam-se umas às outras? Amam-se umas às outras. E casam-se.

O casamento delas é o que chamamos estilo.

O Cônego ou Metafísica do Estilo, Machado de Assis.

A linguagem da obsessão é um dialeto da linguagem da histeria. A primeira é menos fácil de compreender que a segunda. Isto é paradoxal, porque a obsessão é o princípio do pensamento, da consciência, enquanto que a histeria é o testemunho de que o pensamento recorta o corpo.

O nome de gozo do caso clássico de neurose obsessiva é *o homem dos ratos*¹. Os elementos principais deste caso eram *medos* de que algo pudesse ocorrer a duas

¹ FREUD, S., "Notas sobre um caso de neurose obsessiva", (1909), *ESB*, v. X.

peessoas de quem ele gostava muito: seu pai e u'a moça a quem admirava. Havia, além disso, *impulsos compulsivos*, como, por exemplo, um impulso de cortar a garganta com uma lâmina; depois, apareceram *proibições*.

Ele narra a Freud que o primeiro grande golpe de sua vida consistiu na constatação de que para se ter um amigo é preciso comer antes um saco de sal juntos. Seu melhor amigo da juventude estava, de preferência, interessado em sua irmã.

Seu gozo sexual foi prematuro. Com Srta Peter, cujo nome masculino não deixa de ter importância em suscitar mal-entendidos acerca da homossexualidade subjetiva, cedo descobriu, debaixo de sua saia, alguma coisa extravagante, que expressou em um *apalavra: etwas kurios*. A partir daí seu gozo sexual se fixou em um impulso escópico voyeurista: ver o corpo feminino. De Srta Lina lembra um diálogo também da ordem do equívoco: "*Podíamos fazer com o pequeno; mas Paul é muito desajeitado, decerto iria falhar*".

Tal como Hans, Paul *sofria* de ereções e chegava a se queixar disso à sua mãe. Ele inferia que seus pais sabiam de alguns de seus pensamentos que se relacionavam com suas ereções. Supunha que havia dito, em voz alta, em alguma ocasião, sem se escutar. Não inferia a existência do Outro da fala. Ele considerava esse fato de discurso como o desencadeamento de sua obsessão. Tinha o desejo de ver algumas moças despidas e, ao mesmo tempo, um estranho sentimento de que algo haveria de acontecer se pensasse em tais coisas, por exemplo, de que seu pai deveria morrer e, então, era levado a fazer todo o tipo de coisas para evitar pensar. Era-lhe imperioso pensar e, ao mesmo tempo, era-lhe imperioso não-pensar. Seu pai, objeto principal de sua obsessão, já havia morrido e isto abriu à teoria analítica a chance de conceituar a função simbólica do pai morto.

O grande medo obsessivo surgiu de outro *qüiproquó*: oficial da reserva, foi convocado para a ativa durante a primeira guerra; durante uma manobra perdeu seus óculos (*pince-nez*) e mandou fazer outro por reembolso postal. Nesta ocasião um capitão cruel lhe contou a *tortura dos ratos*: um criminoso foi amarrado, um vaso contendo ratos foi virado em suas nádegas e os ratos cavaram caminho no seu ânus. Freud observa que, enquanto narrava a tortura, sua face assumiu uma expressão muito estranha - era uma face de *horror ao prazer todo seu do qual ele mesmo não*

estava ciente. Lacan destacou este fragmento como a mais exemplar demonstração do conceito de gozo em Freud. Naquele instante lhe ocorreu como um relâmpago a idéia (o desejo) de que isso estava acontecendo com sua amada.

A idéia se deixava seguir por uma *sanção* que funcionava como defesa contra a realização da fantasia. Era uma fórmula de *alíngua*: *mas, o que é que você está pensando?* E desse modo ele evitava *ambas*. Esse lapso surpreendeu Freud que verificou se tratar tanto da amada como de seu pai morto.

O conceito de dívida simbólica foi inferido do episódio do reembolso postal. Ele recebera os óculos das mãos do capitão cruel; este lhe dissera: “O Tenente A. pagou as despesas, você lhe deve reembolsar”. Logo lhe ocorre a sanção - *se devolver o pagamento em dinheiro aquilo irá acontecer* (a fantasia da tortura dos ratos aconteceria a seu pai e à sua admirada) e imediatamente em seguida o imperativo performativo - *você deve pagar de volta as 3.80 coroas ao Tenente A.* Tentou pagar as despesas através do Tenente B. mas este não encontrando o Tenente A. lhe devolveu o dinheiro. Assim ele elaborou o plano seguinte: iria à agência postal com ambos os homens, A. e B., A. daria lá, à jovem dama, funcionária do correio, as 3.80 coroas, a jovem dama as daria a B., e então ele mesmo devolveria em pagamento as 3.80 coroas a A., conforme seu juramento.

O enigma do pai morto foi inferido desse modo: na última noite de seu pai, que morrera de enfisema, o médico dissera: “ele só sobreviverá até a noite depois de amanhã”. Seu pai morreu um dia antes e ele se censurou por não estar presente à hora de sua morte. Seu pai havia perguntado por ele - “É o Paul?”. Doravante ao escutar uma piada lhe ocorria dizer para si - “Preciso contar essa a papai”. Ordinariamente, quando alguém batia à porta, ele pensava - “É papai que está chegando”. Desejava portanto encontrar-se com o fantasma (*Geist*) de seu pai. Acresce-se a isso um mal-entendido na visita de pêsames a seu tio; este dissera: “Outros homens se permitem todo tipo de indulgência; eu, porém, vivi só para essa mulher!” O paciente supusera que seu tio fazia *alusão* a seu pai, que lançava dúvidas sobre sua fidelidade conjugal.

Freud diz que estes mal-entendidos ocorrem por conta do inconsciente; que o inconsciente é o infantil. Diz também que todo medo equivale a um desejo; que o inconsciente é o exato contrário do consciente. Diz ainda que a criança tem desejos

sensuais; que necessariamente, isto é, estruturalmente, um pai é uma interferência da qual a criança quer livrar-se. O homem dos ratos narra então um ato de crueldade que não podia admitir ter feito: carregou sua espingarda de brinquedo com a vareta e disse ao seu irmão mais novo que se ele olhasse para o cilindro veria alguma coisa; enquanto seu irmão olhava para dentro do cilindro, puxou o gatilho. Freud considera que este fato de discurso demonstra que um irmão é uma metonímia de um pai. Ele acrescenta à série uma fantasia de vingança a respeito de sua admirada. Freud quer nos induzir a concluir que o principal motivo da obsessão é o desejo de morte ao pai - o parricídio. Pode-se atualizar este mito com uma argumentação lógica - o desejo fundamental do obsessivo é o gozicídio.

Uma idéia obsessiva é elaborada como um sonho - aparentemente sem motivo e sem significação. A deformação da idéia, a elaboração retórica da mesma, depende sobretudo de uma flexão temporal. Por exemplo, o impulso suicida - de cortar a garganta - é uma *inversão* do desejo de matar a avó de sua amada, já que esta, com sua doença, houvera ocupado sua amada e lhe privara de desfrutá-la. A mania de emagrecer, por sua vez, Freud a explica mais no nível do *efeito de sentido* do que no nível do *sentido*. Ele tivera a idéia de que estava gordo (*dick*); começou a fazer dietas e exercícios até a exaustão. Esse comportamento não fazia sentido a não ser pelo fato de que sua admirada estava veraneando na companhia de um primo inglês *Richard*, cujo diminutivo corrente na Inglaterra é *dick*².

A *obsessão de proteger*, de que nada viesse a ocorrer à sua amada, o levava à *necessidade de contar* até quarenta ou cinquenta no intervalo entre um raio e o trovão que o seguisse. Estava passeando de barco em companhia dela e começara uma tempestade. A *obrigação* de tirar uma pedra do caminho e a conseqüente *necessidade* de recolocá-la no lugar anterior era explicada pelo temor de furar o pneu do carro de sua namorada. A *obsessão de compreender* que o levava a perguntar a cada interlocutor - “O que você acabou de dizer?” se referia a uma má interpretação de algo que a namorada dissera e que lhe pareceu um desejo de evitar sua presença.

A teoria de Freud é a de que a obsessão e a compulsão se ordenam em dois atos dos quais o segundo anula o primeiro. É a teoria da *anulação* do desejo, da qual

² Vale a pena ver a nota de rodapé da pág. 192, *op.cit.*, onde se vai encontrar outro exemplo de alíngua.

Lacan se serve para explicar os três tempos da repetição: a demanda, a anulação e a anulação da anulação. É a retórica, a metapsicologia do estilo, a estilística da formação do sintoma. Na histeria há conciliação dos contrários, o que capacita ambas as tendências opostas a se expressarem ao mesmo tempo, há simultaneidade, sincronia; na obsessão há sucessão, isolamento; primeiro, uma idéia, depois outra; há diacronia. Freud ainda observa que concorre para esta estilística a ambivalência do sentido, o duplo sentido. Assim à prece - “Deus o proteja”, podia se inserir um “não”; em um cartão onde devia escrever *pour condoler* (p.c.) podia escrever *pour féliciter* (p.f.).

Histeria e obsessão portanto são distintos estilos de escrever o gozo do sintoma, ou, como Freud preferiu nomear, tipos de recalque. Na histeria predomina o esquecimento do sentido, a amnésia do *troumatisme*; na obsessão, o isolamento.

A conjuntura do desencadeamento da obsessão do homem dos ratos é diacrítica. Conta-se que seu pai amava uma moça pobre mas resolveu casar-se com a filha de um grande industrial. Conta-se que, após a morte de seu pai, sua mãe houvera acertado com seu tio, o casamento de seu filho com uma das filhas de seu irmão. Isso lhe daria boas chances profissionais. Este plano desencadeou todavia a dúvida de saber se permaneceria fiel à sua namorada pobre ou se seguiria o destino de seu pai e se casaria sem amor com a linda e rica prima. O sintoma neurótico atende a esse tipo de desígnio.

O sujeito estava, portanto identificado ao pai morto. Seu impasse consistia em ceder ao seu desejo ou ao desejo de seu pai. Seu pai também fora um oficial virtuoso. A primeira vez que experimentou o gozo sexual depois da morte de seu pai lhe ocorreu a idéia: “Que maravilha! Por uma coisa assim alguém é até capaz de matar o pai!” Seu impulso a masturbar-se era estético. Ocorria quando lia, por exemplo, *Poesia e verdade* de Goethe. No nível do detalhe, de fato, era sempre estimulado por uma proibição e um desafio a uma ordem. Certa vez, enquanto estudava para uma prova e se deleitava com sua fantasia (*Phantasie*) favorita de que seu pai ainda estava vivo e a qualquer momento poderia reaparecer, à meia-noite, imaginou que interromperia o seu estudo e abriria a porta como se seu pai estivesse do lado de fora; em seguida, tiraria para fora seu pênis e olharia para ele no espelho. Agia como se esperasse uma visita de seu pai à hora em que os fantasmas (*Geist*)

estão circulando e expressava desse modo os dois tempos do ato obsessivo, tal como o fizera com respeito a sua namorada no ato com a pedra.

A hostilidade ao pai é um fato de estrutura. Freud constrói assim o rancor do sujeito à interdição da masturbação. Seu pai lhe batera, certo dia³, e o sujeito revoltado o xinga; como não conhecia os nomes dos impropérios, o xinga com *apalavra* d'*alíngua*: “Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato!”⁴ Seu pai exclamara: “O menino ou vai ser um grande homem, ou um grande criminoso!” Ao que Freud acrescenta: “Ou um neurótico”. A partir disso o homem dos ratos tornou-se um *covarde* por temor de sua própria raiva. De Freud, ele temia levar uma bofetada.

A solução da idéia incógnita do rato se esclarece, então, do complexo paterno, o complexo nuclear das neuroses, sintagmas precursores do complexo de Édipo. Ou seja, se esclarece por que as duas falas do capitão tcheco - sua história do rato e sua recomendação de pagar o reembolso ao Tenente A. tinha provocado tal efeito de sentido, chamemo-lo de efeito obsedante de sentido. Com efeito, ele estava identificado ao seu pai, que, como dissemos, também possuía as virtudes militares e que tivera muitas aventuras na caserna. Uma delas dizia respeito a uma quantia da corporação que ele perdera num jogo de cartas. Assim, ele era um *Spielratte*, literalmente um rato-de-jogo, isto é, jogador. Teria ficado em má situação se um camarada não lhe tivesse adiantado a importância. Nunca conseguiu reembolsar o dinheiro ao amigo; nunca mais o encontrara, depois que saiu da ativa. As palavras do capitão: “Você deve reembolsar o dinheiro ao Tenente A.” se caracterizavam como dívida simbólica, porque faziam *alusão* à dívida do pai. É isso o mal-entendido. *Spielratte* é um *apalavra* de *alíngua*. O significante rato tomou uma série de significados simbólicos: o significado de dinheiro - *Ratten* (ratos) *Raten* (prestações) *Spielratte* - rato-de-jogo (ladrão), que, além disso, evoca o gozo anal; o significado de pênis, por similaridade semântica, rato - transmite a peste e pênis - transmite a sífilis, que ainda assim evoca o gozo anal dada a similaridade com *verme* e dejetos; ademais, a tortura dos ratos descrita pelo capitão cruel evoca, agora é o caso da contigüidade, o coito *per anum*; assim vê-se que o significante rato também significa fezes; mais, ainda o significante *Ratten* evoca *heiraten* (casar) e assim se associa aos impasses com a mulher, com a namorada, e suscita à memória a Mulher-

³ Não se pode deixar de ver nisso uma referência à fantasia “bate-se numa criança”.

⁴ Podemos chamar isso de neologismos semânticos.

Rato de *O pequeno Eyolf*, de Ibsen, através da qual se chega ao significado de *crianças*.

É dessa maneira que Freud chega a formular a série de equivalências metonímicas - rato = dinheiro = pênis = fezes = crianças -, uma série de objetos-significantes que de algum modo poderiam ser chamados de espécies do *objeto a*, mais-de-gozar, de sorte a justificar a nomeação - *homem dos ratos*, como o nome de gozo do sujeito, o que serve melhor para identificá-lo que seu próprio nome próprio.